

A leitura de exceção¹ Apontamentos de observação participante com 12 leitores com baixa exposição à escola

Exception reading Notes on a participant observation study with 12 readers with low access to education

José Carlos Fernandes*
UFPR

Resumo: A tese de doutorado *O leitor e a cidade*, defendida na Universidade Federal do Paraná, em 2012, usou da observação participante para levantar as memórias de leitores ditos “de pouca escolaridade”. De acordo com os estudos de desempenho de leitura, como Retratos da Leitura no Brasil, do Instituto Pró-Livro, esse grupo forma uma exceção estatística, já que é a escola que garante a permanência no mundo da leitura. Poucos se mantêm como leitores tendo ficado no sistema educacional por um tempo inferior a 12 anos. Entende-se que as práticas de leitura desse pequeno grupo servem de subsídio para criar políticas voltadas aos 55% da população brasileira que se declara não leitora, mas que pode voltar aos livros sem necessariamente voltar à escola.

Palavras-chave: Leitura. Memória. Abandono escolar. Território.

Abstract: The doctoral thesis *The reader and the city*, defended at the Federal University of Paraná in 2012, used participant observation to raise memories of readers called “with low education”. According to studies of reading performance, such as Retratos da Leitura no Brasil (Portraits of Reading in Brazil), from the Instituto Pró-Livro (Pro-Book Institute), this group is a statistical exception since it is the school that guarantees their stay in the world of reading. Few remain readers after staying less than 12 years in the educational system. It is understood that the reading practices of this small group can be subsidized to create new policies focused on the 55% of Brazilians that declare themselves as not readers, but that can return to books without necessarily going back to school.

Keywords: Reading. Memory. School dropout. Territory.

¹ A partir da tese de doutorado *O leitor e a cidade: caminhos e descaminhos da leitura e da literatura entre pessoas com baixa exposição à escola*, com orientação da professora doutora Marta Morais da Costa, defendida no programa de Estudos Literários da Universidade Federal do Paraná, em 2012.

*Doutor em Estudos Literários pela UFPR. josecarlosfernandes@terra.com.br

A tese de doutorado *O leitor e a cidade: caminhos e descaminhos da leitura e da literatura entre pessoas com baixa exposição à escola*, defendida no programa de Estudos Literários da Universidade Federal do Paraná, em 2012, tem um padrinho. Seu nome é Dejair Batista Câmara, trabalhou como motorista do jornal *Gazeta do Povo* até meados dos anos 2000 e é um leitor. Um leitor muito particular.

Nascido na zona rural de São Jorge do Patrocínio, no Noroeste do Paraná, Dejair teve uma trajetória escolar atribulada, própria de quem dependia de estradas de chão para chegar à sala de aula. Trabalhou no plantio e na colheita e viveu num ambiente em que o estudo era *para os outros*. Com um agravante. Várias pessoas de sua família desenvolveram uma doença neurológica congênita, o que o fez acreditar, desde a infância, que estava fadado a definhar, certeza que cedo lhe deu a experiência da caducidade. Os esforços exigidos pelo ensino não pareciam compatíveis com um candidato à cadeira de rodas e à morte prematura. De acordo com seu próprio relato, o abandono escolar foi um de seus tantos recalques provocado pela doença anunciada. Senão o maior.

No início dos anos 1990, ao se empregar como condutor numa empresa de comunicação, Dejair passa a ter contato com jornalistas, acesso a impressos e a uma pequena biblioteca criada para os funcionários. Pronto ele responde a essa pequena inserção no mundo da cultura se abastecendo da conversa com os repórteres – não raro em longas jornadas no cumprimento de pautas. Essas rotinas, numa interpretação livre, acirraram sua nostalgia pela escola perdida. Entende que sua história seria diferente se tivesse estudado, mas julga tarde para tanto. Além do mais, havia a suposta doença. Ler era uma forma de não se sentir tão à margem. Ou de deixá-la, finalmente.

Do lado carona do carro, o ponto de vista não era menos interessante. “Reparar” no que Dejair *andava* lendo – e ele lia bastante – virou uma espécie de *observatório coletivo*. Tratava-se, afinal, de um “leitor sem filtro”. Tudo lhe interessava – dos *best sellers* de Sidney Sheldon e Harold Hobbins aos romances cor-de-rosa das séries *Sabrina* e *Júlia*. Seguia com o mesmo apetite pela prosa esotérica de Paulo Coelho e por autores canônicos da literatura brasileira. Numa semana podia ler Guimarães Rosa – e falar com intimidade sobre *Sagarana*; e nos dias seguintes classificar *O outro lado da meia-noite*, de Sheldon, como o melhor livro já escrito.

Para aqueles que usam os critérios escolares no momento de selecionar o que ler – fazendo da capacidade de escolher uma espécie de certificado do seu nível educacional – a liberdade do motorista leitor impressionava. Era possível flagrá-lo lendo de enfiada Umberto Eco e Barbara Cartland, sem culpa, o que fazia de Dejair um *estudo de caso*.

A dedução veio a galope. Aquele *despudor eletivo* podia servir de baliza para entender as práticas de leitura de milhares de outros brasileiros

que, mesmo tendo se apartado do sistema formal de ensino, não abandonaram o status de leitor, recriando-o à sua maneira. São membros de um clube de leitura curioso. Formam-se às próprias expensas. Escolhem à sua maneira. Convivem com letrados. Participam das lides urbanas. Do que se deduz que saber como agem os leitores de baixa escolaridade poderia servir de subsídio para desenvolver programas de leitura com adultos. Ou mesmo para passar a limpo os expedientes escolares, comumente apontados como pelourinho dos leitores. Gente como Dejour deixa uma pergunta: “O que da escola fica mesmo nas situações em que ela não permanece?”

Em tempo. No ano de 2014 – próximo de completar 50 anos e depois do acerto de contas com as demais etapas da educação formal – Dejour entrou para a faculdade de História, alistando-se entre os tantos adultos da nova classe média que agora chegam ao terceiro grau. Vive em Nazaré Paulista, no interior de São Paulo. Não pensa mais na enfermidade que, durante décadas, serviu-lhe de régua e relógio. Nunca teve sintomas. Embora tenha inspirado *O leitor e a cidade...*, por ter se mudado de estado não figura entre os 12 leitores com baixa exposição escolar, acompanhados pela pesquisa. Mas foi sua biografia de leitor que pontuou a “observação participante” e as hipóteses que abastecem o estudo. A dizer.

A observação participante – também chamada de pesquisa ação e pesquisa participante – é própria para a inserção em ambientes. Permite perceber situações complexas, algo como o lugar dos livros nos cômodos da casa, espaços de leitura, horários (PERUZZO apud DUARTE; BARROS, 2011, p. 130).

Roman Jakobson refletirá que a observação mais completa dos fenômenos é a do observador participante. Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. (BOSI, 2003, p. 38).

A observação não sistemática de Dejour mostrava que ele tinha um recalque por ter se apartado da escola – com folga a melhor experiência de sua infância, da qual se viu privado também por força dos espartilhos da vida no campo. Ler era uma maneira de reabilitar aquele tempo. Lia de forma anárquica, porque ler nada tinha a ver com estudar, mas com fazer parte, e esse é um ponto importante no desmanche da ideia de solidão que acompanha o ato de ler.

Mais. A leitura ocupava um lugar importante na rotina dessa espécie de *leitor número 1*. Para ele, ter com os livros era uma forma de encontrar respostas para a vida e, por que não dizer, para a tragédia da doença, sua única certeza. Os livros que lia traziam explicações sobre o mundo, a cidade – cidade que lhe era revelada todos os dias pelos jornalistas, que passam a integrar uma zona de influência importante no seu reatamento

com a leitura. E zona de influência é expressão boa o bastante para pensar em leitura, por mais *démodé* que isso possa parecer.

Dejair podia ir com os jornalistas a uma favela, cobrir um crime, ao Palácio Iguazu, a uma exposição de arte. Era um mundo estimulante, que o provocava não só a ler, mas a falar, cumprindo a premissa bachelardiana do “bem dizer”, do “bem falar” e do “bem viver” (BACHELARD, 1996). A condição de leitor fazia daquele homem, sobretudo, um sujeito falante.

Eloir José Golemba; Devanir Lopes da Silva; Aldo de Brito; Anderson Bordignon; José Pereira da Silva; Sira Quiza Garcia; Fabiana Pinheiro; João Enio Miler; Mirco Busani; Terezinha Nicola Hubie; Rosane Maria dos Santos; Laurinda Fátima Ferreira de Almeida, os 12 da pesquisa, são à imagem e semelhança de Dejair, o motorista – pelo menos em alguma medida. Todos são órfãos da escola. Mais do que isso, entendem a privação do sistema de ensino como uma dobra de suas vidas. Leem diuturnamente. Dostoiévski não lhes é estranho. Nem Augusto Cury (FERNANDES, 2012).

Em meio às variações para o tema descoberta da leitura, os 12 leitores encontraram um professor ou um parente que os seduziu para os livros, jogo interrompido pelos imperativos da sobrevivência ou do casamento, no caso das mulheres, entre outras razões esmiuçadas na tese. Essas e outras histórias fazem deles participantes de uma *tradição de público*, uma tradição com fortes raízes ibéricas, a dos cidadãos mais expostos à cultura oral do que à cultura letrada, mas que podem vencer as determinantes e se fiar com os livros, à moda, ou quase, dos letrados (OLIVEIRA et al, 2010, p. 80). Os 12, em miúdos, não são figuras de todo estranhas ao nosso imaginário.

A propósito, o estudo de tal *tradição de público* figura entre as matérias mais interessantes no campo da leitura. Essa investigação desperta uma certa sociabilidade em torno do livro, em particular no Brasil do século XIX, à qual estamos pouco habituados a referendar (NEVES apud ABREU, 1999, p. 378). Pensar nesse período de formação é pensar na leitura feita pelas mulheres – no que os estudos de gênero têm avançado –, na leitura que era ouvida da boca dos outros – nas cozinhas ou na hora das costuras. Ou na leitura que partia das tavernas, espaço de conversa dos homens, em direção aos outros espaços, transmutada, adulterada, um telefone sem fio. Esses leitores nem sequer sabiam ler, porque ler era próprio de quem venceu a pobreza. Mas podiam ouvir e contar o que ouviram (ALVES, J. apud NEVES, 2009, p. 93).

Os leitores aqui estudados vieram das classes populares, mas figurando em extremos. Há os que foram muito pobres, como a recepcionista Rosane, o aposentado Aldo e o ascensorista José Pereira – esse, tendo recolhido num lixão seus primeiros *equipamentos de leitura*, algumas revistas *O Cruzeiro*. E há os remediados, como Sira e Mirco – ambos estrangeiros, ela espanhola, ele italiano – que se não provaram da fartura, do mesmo

modo não sabem o que significa privação extrema.

De qualquer modo, a exigência de trabalhar muito cedo ou de migrar os colocaram fora da escola, mas não longe dos livros, dos quais se mantiveram próximos por prazer ou mesmo por distinção. Serem leitores se tornou uma marca pessoal nos ambientes em que viveram e vivem. Entre os seus, são os mais requisitados para interpretar os fatos do noticiário – ou mesmo para contar o que leram, papel bastante acentuado na biografia de leitor do guardião João Enio, por exemplo, o que faz dele um *leitor público*. O mesmo se diga da dona de casa Terezinha Hubie, octogenária que carrega poesias impressas na bolsa, distribuindo-as no ponto do ônibus ou nas reuniões da Legião de Maria. “Tem poesia aí?” – há quem lhe pergunte.

Na totalidade, vale dizer, os 12 falam de sua vida de leitores com a mesma fluência com a qual exporiam suas trajetórias amorosas ou profissionais. Ora, biografar-se como autor e leitor é difícil para os letrados – ou pelo menos pouco habitual –, que dirá entre os pouco expostos à escola.

À época da pesquisa – iniciada em 2007 – estavam na faixa dos 37 e os 80 anos, sendo que o mais estudado, Anderson, concluiu o ensino médio. Eles são o que se pode chamar de *leitores de exceção*, e os dados que oferecem à primeira vista podem parecer pouco confiáveis, justo por representarem uma pequena parcela do universo da leitura. Os tecnocratas podem dizer que essas pessoas são estatisticamente irrelevantes. Eis uma questão a resolver.

Retrato

Do ponto de vista quantitativo, os leitores de baixa escolaridade não formam um número para o topo dos *rankings*. São poucos – os leitores no Brasil são majoritariamente os que concluíram o ensino superior. Mas nenhuma análise com um mínimo de ambição sociológica desprezaria esse corpo estranho, pois representa um alento na geografia humana brasileira. É preciso inclusive arriscar uma hipótese para a invisibilidade dos *leitores de exceção*: enfrentar a relevância desse dado implica enfrentar uma condicionante cultural, a que relaciona desempenho de leitura com permanência na escola. É como não pudesse haver vida inteligente fora dessa equação.

Como se repete à exaustão, a leitura no Brasil é escolarizada – uma vez que cabe à escola formar o leitor, suprimindo o estado negligente, compensando a falta de espaços “laicos” de leitura, a baixa responsabilidade das empresas e das igrejas com essa questão. Some-se a essa cantilena o ceticismo encarnado dos brasileiros quanto aos efeitos reais da leitura livre e desinteressada, prática brindada muito mais como “elogio do hábito” do que como condição para alguém existir ou como processo civilizatório.

Deve-se alertar de que, desde sua formação, a leitura no Brasil passou para a custódia da escola, que a traduziu numa perspectiva didática e

não num plano estético (LAJOLO, 2000, p. 45). O saber acadêmico estabelece o que ler e como ler, violando o direito de escolha, desafiando um conceito iluminista de conhecimento. Assim nos conformamos a entender a ordem das coisas. E a desconfiar de quem pense diferente. É só fazer o teste. Educação é sinônimo de escola, e que venha a fogueira para quem ousar afrouxar o torniquete.

O cenário da leitura seria de fato muito pior sem a escola. Apontá-la como vilã, um abatedouro de novos leitores, é um argumento destrutivo. O que se esconde por trás da casuística *escola versus leitura*, contudo, é um movimento repetitivo, um eterno retorno ao ponto de saída. Entende-se que só a escola pode garantir o leitor. Pior: a escola teria o monopólio do “leitor crítico”, com folga um dos jargões mais repetidos da pedagogia, mesmo debaixo do alerta de que se está servindo sicuta aos alunos ao pensar assim. Por esse raciocínio, só haverá leitores tanto mais existirem escolas. E escolas que formem o leitor desde pequenino, o ciclo básico. Como isso nunca acontece, ou não acontece na medida desejável, fica-se onde está. Sobra pouco holofote e saliva para os leitores adultos, habitantes do fracasso.

Pois *a resposta está errada*, como se diz nos programas de auditório. Há leitores que se formam à revelia da escola e da leitura instrumentalizada pelas fichas de leitura, pelos livros adotados. Esses leitores invisíveis são figuras importantes – sejam mil ou um milhão, não importa. Mais do que isso: como agem de maneira diferente do que costuma ser programado pela educação, trazem instabilidade, obrigando a rever conceitos mineralizados.

Esses leitores, por exemplo, desafiam a hierarquia de autores, os cânones, a curadoria do que deve ser lido, a palavra da crítica, as escolhas do MEC, o *lobby* do mercado editorial. E, por que não dizer, dão um golpe no sombrio caráter *evolutivo* da leitura, espécie de herança maldita do positivismo aplicado ao ensino. O leitor pode se tornar melhor, é inegável, provando da papa fina, tal como disse Oswald de Andrade. Mas isso não significa que ser melhor seja o equivalente a passar da sétima para a oitava série.

Um dos bons instrumentos para pensar essa leitura que acontece pelas bordas, de forma marginal, é a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*² do Instituto Pró-Livro. Pesa sobre esse estudo uma série de desconfianças. Em suas três edições [2001, 2008 e 2012], o estudo teria atendido mais aos interesses de mercado do que propriamente a subsidiar a leitura. É financiada por editoras associadas e livreiros, que precisam descobrir, entre outras, como fazem para vender livros no Brasil, preocupação que dispensa malabarismos para se justificar. A edição de 2012 da pesquisa, por exemplo, teve forte acento na predisposição, ou não, de ler o livro digital, por motivos óbvios: esse é um novo filão de mercado e era preciso aferir o que a população pensava a respeito.

² A edição 2008 da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* cobre 92,3% da população brasileira, somando 5.012 entrevistas domiciliares. A edição 2012 segue o mesmo padrão e atingiu 93% da população, sendo 51% da Classe C; 24% da Classe DE; 23% da Classe B; 2% da Classe A. O documento está disponível no site www.prolivro.org.

Pode-se argumentar que é ingênuo ler *Retratos da Leitura no Brasil* como um retrato digno das lides acadêmicas, uma fonte segura para planejamentos educacionais ou algo que valha. Os departamentos de Educação e de Letras das universidades teriam mais e melhor a dizer. Mas se deve lembrar também que estudada em paralelo a outros instrumentos, como o Índice Nacional de Alfabetismo Funcional, o Inaf, ou mesmo com estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, o Ipea, para citar dois, a pesquisa do Pró-Livro ajuda a desenhar uma paisagem sobre esse assunto. Com uma vantagem – sob a ótica também de mercado, a leitura ganha musculatura, tornado-se menos um problema da escola e mais um problema da sociedade.

No mais, a influência da academia na elaboração de *Retratos... é flagrante*, o que lhe garante o *pedigree*. Estão ali as principais preocupações trabalhadas pelos estudiosos de leitura, como o afeto, os lugares do livro, a transmissão da prática (COSTA, 2009). A edição de 2012³, por exemplo, mostra que 87% dos não leitores – assim chamados aqueles que não leram um livro inteiro ou em partes nos três meses anteriores à pesquisa – nunca ganharam um livro de presente. É uma informação algo afetiva. O significado do livro – e da leitura, por tabela – tem a ver com a escola, mas também com os ritos sociais e familiares. Outro dado: 63% dos não leitores nunca viram a mãe lendo e 58% nunca flagraram o pai com o livro nas mãos. A máxima dos exemplos que arrastam aqui se confirma em tabelas.

São diversos os empenhos da pesquisa – alguns no mínimo saborosos – sobre as determinantes que podem levar alguém a ser leitor ou não leitor. À primeira vista, esses dados dizem pouco sobre o leitor não escolarizado, que é o que aqui interessa, mas num olhar mais atento se percebe que muitas dessas rotinas positivas que incidiram sobre os que se declaram leitores atingiram os que tinham todos os requisitos para se tornarem não leitores.

A leitora Rosane, por exemplo, ganhou um livro de presente quando adulta, na tarde em que seu filho foi vítima de uma bala perdida e morreu – um episódio ocorrido em Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba. Esse fato, sem trocadilho, serviu de gatilho para que se reabilitasse como leitora, faceta perdida na zona rural onde passou a infância, estudando numa sala seriada. O marceneiro Devanir ganhou *Zadig*, de Voltaire, da patroa de sua mãe. Foi determinante. Eloir ganhou *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, de um professor. Diga-se o mesmo.

Retratos... informa que 19% dos não leitores são analfabetos ou algo próximo disso; outros 30% têm até a 4.^a série – logo, não definiram suas práticas de leitura. Mostra que os não leitores são jovens e jovens adultos, apartados da escola: 12% dos não leitores têm de 18 a 24 anos; 10% de 25 a 29 anos; 17% de 30 a 39 anos; outros 17% de 40 a 49 anos. Formam uma massa de 50% da população brasileira. Leem de maneira sofrível – 19%

³ Na edição 2008 de *Retratos da Leitura no Brasil*, o não leitor representa nada menos do que 48% de todo o estudo do Pró-Livro e equivale a 77 milhões de brasileiros. (AMORIM, 2008, p. 27) Na aferição de 2012, o número salta para 50%, algo como 88 milhões de pessoas.

dos entrevistados leem devagar; 8% não compreendem o que leem; 20% não têm paciência para ler; 12% alegam falta de concentração (IPL, 2012, p. 110).

Ora, é dessa massa que saíram os leitores de baixa escolaridade. São próximos – numa linha de transição. Dois grupos desproporcionais no tamanho, mas que guardam parentesco – um parentesco que pede investigação. Embora partes da mesma cena brasileira, alguns dentre esses superaram a repetência, o trauma do abandono escolar, a dificuldade de interpretação de um texto, a falta de estímulo familiar e continuaram fazendo o que se espera de um leitor – leituras criadoras (BOURDIEU, 1996, p. 15). Vale repetir o desaforo numérico: mil ou um milhão? Não importa.

Não raro, a turma da exceção desfruta de uma troca com a leitura tanto mais prazerosa do que aqueles que conseguiram se manter como leitores, não raro por força do mundo corporativo, o que rende uma outra pesquisa. Leem mesmo lendo mal. Ou lendo “errado”, caso se tome como parâmetro as metas traçadas pelas escolas mais tradicionais, que amarram a leitura à assimilação dos conteúdos. *Retratos...* dá pistas a respeito dessas negociatas, mesmo que para muitos tenha interesses espúrios, como se vender livros fosse pecado.

Os leitores de baixa escolaridade leem graças à escola. Sim. Perderam em qualidade de leitura ao se afastarem dos bancos escolares. Sim. Poderiam ter se perdido para sempre, como milhões de outros. Mas tomaram para si o lado mais lúdico da leitura, pois talvez não tenham tido tempo de converter a leitura em tarefa. Pelo menos é esse o testemunho dos 12 leitores estudados.

Alguns dados da pesquisa do Pró-Livro dão conta dessa relação delicada entre estudar e ler: para 71% dos entrevistados **classificados como leitores** a biblioteca é um lugar para estudar (61%) ou um espaço destinado a estudantes (28%); 66% dos consultados leem livros didáticos. Findada a escola, minguou o leitor, a não ser que ele seja mantido na rédea curta pelos ditames do mundo corporativo, e suas exigências de leitura técnica (LINDOSO, 2004, p. 12).

Trata-se de uma tradição enraizada. A vinculação entre leitura e estudo tem inclusive desdobramentos nefastos, como o letramento por aparência, um pó de arroz que maquia os dados. Pergunte a um letrado e ele se dirá leitor. Há por extensão o letramento como moral (MARTINS apud ABREU, 1999, p. 481). Ler nos faz melhores. Quem lê estudou. É alguém. Ler é ter valores, é seguir uma cívica. Por aí vai a carta de boas intenções.

Em meio a esse cenário sem muito alento, encontra-se o dado que 29% dos adultos procuram livros por si só. É no meio dessa parcela que mantém uma relação desabrida com o livro que estão – ao lado dos formados em faculdades, em maior grau, e ensino médio, em menor grau – os poucos que mal terminaram o ensino fundamental, mas que desafiam o eco

das bibliotecas e as ocupam. Pesquisá-los é um desafio – um desafio que os 12 entrevistados em profundidade para a tese *O leitor e a cidade* apenas aponta, como um farol para quem quiser seguir adiante.

Vale repetir: as razões que mantiveram esses 12 na seara da leitura parecem simples de explicar. Tiveram uma experiência prazerosa da leitura e a atualizaram em outros momentos da vida. Voltaram ao texto sem voltar à escola. Superaram as dificuldades mecânicas da leitura. Reivindicaram um direito – ou a melhor parte dele. Uma pesquisa estatística poderia dar conta de responder o que os moveu. Mas não é assim que se fala do leitor – e nem é assim que eles falam deles mesmos, nos momentos em que se biografam, com astúcia, sem o amparo de um diploma emoldurado na parede.

Entendeu-se que o melhor a fazer era investigar a memória e o território desses leitores (AUGÉ, 2010). Buscou-se o imaginário daqueles que leem sem terem fincado raízes na cultura escolar. Foram traçadas hipóteses – como a da nostalgia pela escola perdida, aqui já referendada, mas também a tese da leitura como resposta aos impasses do “noticiário”, palavra que serve como guarda-chuva para significar os impasses da cidade, do tempo, da violência, ou que outras realidades se queira invocar para traduzir os dilemas da sociedade contemporânea (CANCLINI apud SERRA, 2005).

Mapas

O *mapeamento* dos leitores de exceção pode ser iniciado no século XVIII, com a chamada Revolução da Leitura, expressão mais que perfeita para o momento em que há uma profusão de livros e impressos ao alcance da população. O mundo fica povoado de leitores individuais, que leem por prazer, não raro em detrimento da vida social ou em oposição à moral vigente, perigo que consolida a aura da leitura como formação, mas também como subversão. É boa, mas recomenda-se regulá-la (DARNTON, 1996, p. 252), o que de fato ocorreu.

Os textos do *período revolucionário*, se é que assim se pode dizer, chegavam também àqueles que não eram leitores por excelência – os homens letrados –, mas, por vias tortas, às mulheres, às crianças e aos criados, com folga os primeiros leitores com baixa exposição à escola, confirmando a máxima de Michel de Certeau – o consumo cultural é por si só uma produção cultural (BURKE, 2008, p. 103). Eis o ponto.

Segue-se, nesse mapa, para outro momento chave, a *Belle Époque*, um período que invoca tanto o barão Haussmann – remodelando Paris – como a figura baudelariana do homem das ruas, que lê e é lido. Ler é um ato urbano. A cidade muda mais rapidamente do que as pessoas (LE GOFF, 1988, p. 143), instaurando a excitação do tempo e da arquitetura por sobre a literatura e o leitor. Há uma tensão na maneira de ler. Ser moderno é estar

junto (MAFFESOLI, 1997, p. 247) – e estar junto é uma reivindicação algo poética também dos não leitores, senão em qualquer tempo, pelo menos entre os aqui observados.

O próximo ponto na construção do perfil desse *quase não leitor* é a Chicago, a metrópole industrial dos Estados Unidos das primeiras décadas do século XX. A engrenagem urbana parecia perto de massacrar o “homem da multidão”, apagando Baudelaire. Em vez da descoberta de si, como proclamava a literatura de outrora, a encenação da grande urbe, a perda da identidade (MONGIN, 2009, p. 61). George Simmel e Robert Park mostram que o cidadão pode reagir – pela leitura de jornais, inclusive. Um novo homem emerge do contato com espaço público (ELIAS, 1994, p. 220, 221; FRÚGOLI, 2007, p. 47, 48). Pode-se chamá-lo de leitor, numa dimensão que extrapola a pensada pela escola.

O leitor que surge dessas reviravoltas é um hermeneuta (CHARTIER, 2001, p. 103-104), que extrai da cidade uma gramática (CERTEAU, 2008, p. 78) e um desejo de se legitimizar (HARVEY, 2011, p. 19). Para ele, ler não é decifrar códigos. Ler é encontrar a palavra, apropriar-se do texto de forma inventiva, é superar as condicionantes sociais (CHARTIER, 2009). Ora, não há melhor maneira de se aproximar desses homens e mulheres do que escutando confidências sobre seus modos de ler e sobre os sentidos que encontram (PÉCORA apud CHARTIER, 2009, p. 12).

Na pesquisa, depois de uma visita a essas construções sobre o leitor, investigou-se a memória familiar, memória de leitor, memória escolar, práticas de leitura e práticas urbanas. Acabou-se por verificar também que quatro desses leitores 12 com baixa exposição à escola ou com escolarização difícil também se dedicam à escrita, uma questão à parte. Embora a maior contribuição das entrevistas tenha sido recolher a memória desses leitores, as hipóteses iniciais se confirmaram.

Quase na maioria, os leitores com baixa exposição à escola passaram por uma experiência gratificante no ambiente de ensino, mas esse espaço lhes foi tirado de forma abrupta. Manter-se como leitor foi uma maneira de preencher esse espaço vazio. As carências educacionais, contudo, levaram à conformação de um leitor anárquico, anacrônico, eclético, focado na leitura como prazer, passatempo, abrigo, avançando pouco para leituras mais consistentes (FERNANDES, 2012).

São reconhecidos como leitores nos meios em que vivem, não raro *funcionando* como agentes de leitura. Orgulham-se da condição de leitor. E, de resto, cumprem a missão da leitura – sentem-se refletidos nas obras e modificados por elas. São um verdadeiro catálogo de tudo o que já se falou sobre leitores e leitura. Leem em voz alta e em silêncio. Leem de forma intensiva e extensiva. Consomem livros. E os sacralizam. Permanecem leitores mesmo sem encontrar ao seu redor nada ou quase nada que os legitime (TRAVANCAS, 2001, p. 57).

Práticas

Deve-se destacar aqui, da experiência da observação participante dos 12 leitores, a maneira como leem, suas práticas. Eles trocam livros, à moda de outras trocas, como as receitas de bolo, simpatias, favores, mas sem cair na banalidade. Com exceção da cuidadora Laurinda, os demais contabilizam o que leram como um feito. Dizem o quanto leram no último ano. Exibem listas. Tendem, igualmente, a serem pró-ativos, convidando os demais à leitura e a lamentar as baixas possibilidades de encontrar outros leitores nos ambientes em que circulam. “Não fico falando de livros com o pessoal daqui [da marcenaria]. Sei que desperta curiosidade. Quando eles me perguntam digo que é um *hobby*”, comenta o marceneiro Devanir.

Nenhum dos 12 leitores é comprador habitual de livros. Costumam ganhar – parte do ritual de reconhecimento de seus pares –, emprestar e de frequentar espaços públicos de leitura, formando pequenas redes de leitores, nas quais recomendam esse ou aquele livro. Gozam de confiança e costumam prezá-la.

Quanto aos espaços de leitura, costumam buscar o conforto. Evitam situações adversas, como a leitura no ônibus. O aposentado Aldo, o pintor de *banners* Anderson, a estrangeira Sira, a cozinheira Fabiana e a dona de casa Terezinha preferem a leitura reservada. Os demais, leem em público, em desacordo com uma máxima brasileira, que reverencia a leitura privada, talvez por associá-la ao estudo. Eloir lê no táxi em que trabalha; Devanir lê no chão da marcenaria; José lê no elevador que opera; João lê numa guarita do Alto da XV, em Curitiba, onde trabalha como guardião; o torneiro mecânico aposentado Mirco lê nas salas de consultório médico; Rosane lê na portaria da faculdade, onde trabalha; e Laurinda lê em intervalos do seu trabalho como cuidadora da mãe.

Onde moram, deixam os livros em destaque, indicando que ali reside um leitor. Como vivem em espaços em que a leitura não é, a rigor, importante, organizam suas leituras no momento em que a maioria está à mercê de outras atividades. Leem no contraturno dos outros. Eloir arrumou para si um pequeno espaço de leitura dentro da casa que divide com um irmão. Aldo, aposentado, lê enquanto a mulher assiste às novelas; Fabiana e Terezinha leem de noite, quando os outros dormem. “Pode cair o mundo quando eu estou lendo”, avisa Mirco.

O que muda? Dos 12 leitores, todos admitem que a literatura ajuda a prestar mais atenção ao que se passa ao redor. Oito podem ser chamados de observadores privilegiados do espaço urbano: Eloir, motorista de táxi, recolhe histórias dos passageiros; Devanir, o marceneiro, entra na casa dos clientes e admite que os observa, inclusive no que leem se há livros; o aposentado Aldo é um caminhante diário e se identifica com a imagem do *flâneur*; Fabiana, mulher transexual e cozinheira num shopping, se depara

todos os dias com o olhar de curiosidade sobre sua condição de transexual. Ela os lê. João, o guardião, ocupa uma praça no Alto da XV, ao lado de uma guarita. É referência no trânsito da região. Os exemplos se multiplicam. Dos 12, cinco se disseram “observadores de personagens urbanos”, que imaginam, não raro, terem saído das páginas da literatura.

Por fim

O moleiro Menocchio, leitor herege do século XVI descrito pelo historiador Carlo Ginzburg, não teria chamado atenção da Inquisição apenas por ler muito, algo inesperado para um homem pobre, mas por pensar demais. Haveria ainda outro sofrimento de Menocchio – a solidão. O moleiro não tinha com quem dividir sua experiência com os livros (GINZBURG, 1987, p. 205-206).

Os 12 leitores analisados não sofreram perseguição – no máximo enfrentaram o olhar de estranheza dos parentes, que em vários depoimentos aparecem como acusadores (“dizem que queremos ser melhores do que os outros”). Mas sabem o que é a solidão da leitura e a ausência de pares. Enfrentam também uma outra solidão – a dos números e a das análises. Sabe-se muito pouco, quanti e qualitativamente, sobre esses homens e mulheres fadados a serem não leitores.

Como escreveu o crítico literário Otto Maria Carpeaux, parafraseando o médico e estadista Georges Clemenceau, a leitura das massas do povo brasileiro é assunto sério demais para ser tratado pelos métodos acadêmicos convencionais (CARPEAUX apud BOSI, 2007, p. 10). Eis a questão. Para essa parcela anônima, ser leitor é o que melhor puderam fazer. Ler é uma forma de emancipação (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2008, p. 214). Uma distinção. Uma experiência verdadeira. É o que dizem suas memórias, que podem e devem ser cruzadas com pesquisas, sem trauma ou prejuízos.

E não só com *Retratos da Leitura no Brasil*, mas com o Índice Nacional de Alfabetismo Funcional (Inaf). A edição de 2001, por exemplo, mostra que o maior ou o menor êxito dos poucos escolarizados no campo das letras está relacionado à convivência ou não com materiais de leitura em casa, na infância.

Entre os que não leem nada ou quase nada, 42% não tinham livros ou cadernos em casa no momento da pesquisa. Entre os que alcançaram um nível básico de leitura, apenas 3% não tiveram contato com suportes semelhantes (GALVÃO apud RIBEIRO, 2003, p. 129). É um dado quase banal, mas bom o bastante para provocar mudanças nas políticas da leitura. Um livro em casa muda tudo? Pois custa muito pouco mudar.

Dos leitores desta tese, apenas Rosane não teve nenhum tipo de material de leitura em casa na infância. Em algum momento, pelo menos um gibi, um romance ou um livro didático de um irmão mais velho lhes

indicou que ali estava um objeto de valor, logo transformado em objeto de desejo e fonte de prazer. “Afinal, as práticas de leitura são modos de interação com a memória” (BARRETO apud ABREU; SCHAPOCHNIK, 2005, p. 516).

Ao discorrerem sobre suas memórias de leitores os 12, com frequência, remetem a dois territórios de infância – a casa e a escola. A casa é o “centro geométrico do mundo”, a partir da qual todo o resto passa a se desenvolver (BOSI, 2003, p. 435). Depois da casa e da escola vem a cidade. Os leitores aqui estudados vivem publicamente a sua condição. Leem em elevadores, portarias, em encontros religiosos, reafirmando a condição da qual mais se orgulham.

Há quem leia livros de autoajuda em paralelo com romances de drama social do quilate de *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, a exemplo do pintor de banners Anderson. Mas qualquer que seja a escolha, buscam textos que falam da vida dos outros, como se encontrassem ali um espelho para personagem que são, reiterando o observado por Ecléa Bosi na sua incursão pelo mundo dos leitores de baixa instrução formal: “Forte predileção nas leituras da gente simples é pelo conhecimento das outras pessoas, do que elas pensam, de como vivem” (BOSI, 2007, p. 22).

As lições literárias dos leitores com baixa exposição à escola, por isso, figuram entre os elementos mais intrigantes da tese *O leitor e a cidade...* Por que **Aldo**, o ex-pequeno jornalista, lê Tolstói e Dostoievski? A espanhola Sira, leitora de Lorca, e o italiano Mirco, leitor de Sangari, não escondem gostar de Sidney Sheldon. Eles o fazem sem medo de serem julgados por isso, deixando à mostra que várias camadas de leitura convivem (BARTHES, 2004, p. 32).

Essas escolhas são pistas sobre os leitores. Robert Darnton e Carlo Ginzburg as procuram em seus trabalhos sobre leitores do passado. Buscam ouvir o que o leitor diz em suas escolhas, procurando o que há nelas de criador (CHARTIER, 2009, p. 235, 242). Realizam a máxima de Macedonio Fernandez, para quem a única maneira de definir o leitor é encontrando-o, descobrindo seu nome, individualizando-o. (VOLPE apud NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2008, p. 193)

Fernández, inclusive, batizava seus leitores:

Como a circulação de capas e títulos se deve às vitrines, bancas de jornal e anúncios, o Leitor de Capa, Leitor de Porta, Leitor Mínimo, ou Leitor Não Conseguido, tropeçará finalmente aqui com o autor que o levou em consideração, com o autor da capa-livro, dos Títulos-Obras. E considero que “O leitor alcançado” deve ser o título do Título que estamos apresentando de nosso romance... (FERNÁNDEZ, 2010, p. 30).

Antes de tudo, os 12 leitores aqui nominados encontraram uma relação privilegiada com o mundo. A linguagem escrita lhes permitiu o exercício da

interpretação da realidade e seus significados ocultos, deparando-se com os espaços vazios e inacabados que precisam da intervenção dos leitores, para ganharem sentido. (ZILBERMAN; RÖSING, 2009, p. 33) Pelo percalço da escola em suas vidas, ganharam um atalho para não repetir a história de seus semelhantes (MARTINS, J., 2008, p. 90, 91). A contradição fez deles uma exceção.

Referências

AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. Brasília: Instituto Pró-Livro, 2008.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. 8. ed. Campinas: Papirus, 2010.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Tópicos).

BARRETO, Sônia Régis. Modos de ler, modos de pensar: leitura e memória. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). **Cultura letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Fapesp, 2005.

BARTHES, Roland. **O grão da voz**: entrevistas 1962-1980. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOURDIEU, Pierre, **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Presença, 1996.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. rev. e amp. Tradução Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CANCLINI, Nestor García. O papel da cultura em cidades pouco sustentáveis. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. In: SERRA, Mônica Allende (Org.). **Diversidade cultural e desenvolvimento urbano**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

CARPEAUX, Otto Maria. Prefácio. In: BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leituras de operárias. 11. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2007.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: morar, cozinhar. 7. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2008. v.2.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 4. ed. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COSTA, Marta Morais da. **Sempreviva, a leitura**. Curitiba: Aymar, 2009.

DARNTON, Robert. **O iluminismo como negócio**: história da publicação da “Enciclopédia” 1775-1800. Tradução Laura Teixeira Motta e Márcia Lúcia. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

FERNANDES, José Carlos. **O leitor e a cidade**: caminhos e descaminhos da leitura e da literatura entre pessoas com baixa exposição à escola. Tese de doutorado. Curitiba: UFPR, 2012.

FERNÁNDEZ, Macedonio. **Museu do romance da eterna**. Tradução Gênese Andrade. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FRÚGOLI Jr., Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. (Coleção Passo a Passo, v. 80).

GALVÃO, Vera Masagão. Por mais e melhores leitores: uma introdução. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.) **Letramento no Brasil**: reflexões a partir do Inaf 2001. São Paulo: Global, 2003.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 21.ª ed. São Paulo: Loyola, 2011.

IPL – INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil 2012**. Disponível em www.prolivro.org.br. Acesso em 2 de maio de 2012.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1988.

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode se tornar um país de leitores?**: política para a cultura, política para o livro. São Paulo: Summus, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MARTINS, Ana Luiza. Gabinetes de leitura no Império: casas esquecidas da censura? In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MONGIN, Olivier. **A condição urbana**: a cidade na era da globalização. Tradução Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NEVES, Lúcia Maria P. das. Antídoto contra obras “ímpias e sediciosas”: censura e repressão no Brasil de 1808 a 1824. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das (Org.). **Livros e impressos**: retratos do Setecentos e do Oitocentos. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2009.

OLIVEIRA, Cláudia de. VELLOSO, Monica Pimenta. LINS, Vera. **O moderno em revistas**. Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PÉCORA, Alcir. O campo das práticas da leitura, segundo Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 4. ed. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In:

DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê, 2001.

VOLPE, Miriam L. Uma travessia da leitura através dos sonhos. In: NASCIMENTO, Evando; OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de (Org.). **Leitura e experiência**: teoria, crítica, relato. São Paulo: Annablume; Juiz de Fora: UFJF, 2008.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

Recebido em 20/11/2013

Aprovado em 07/02/2014